

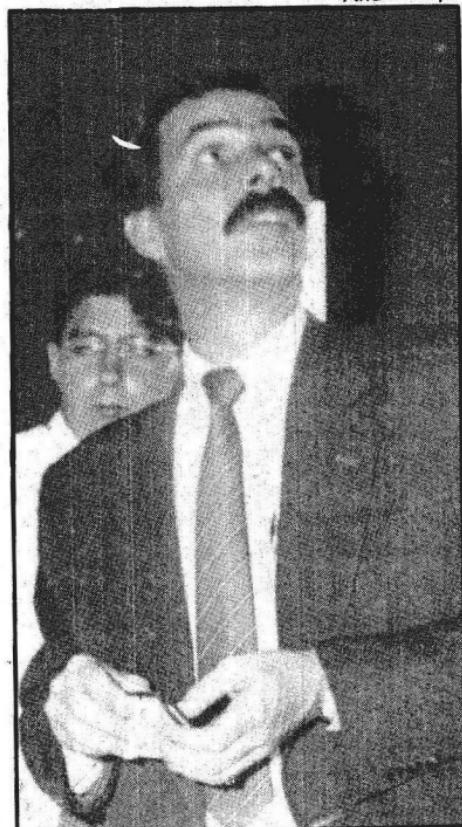
Passarinho se irrita com críticas a Bisol

Ana Araújo

O rescaldo da divulgação do conteúdo dos documentos apreendidos na casa do diretor da construtora Odebrecht, Ailton Reis, revelando um poder paralelo das empreiteiras, polarizou as discussões na primeira etapa da reunião da CPI do Orçamento. De forma velada ou explícita, muitos dos integrantes da comissão criticaram a diligência feita pelo senador José Paulo Bisol (PSB-RS) à residência de Reis, acompanhando a Polícia Federal. A insistência dos parlamentares em criticar a divulgação precipitada das informações acabou tirando o presidente da CPI, senador Jarbas Passarinho, do sério.

Ao explicar que não tem controle sobre os parlamentares que fazem parte da comissão, Passarinho gritou que não estava comandando um pelotão. Ele reagiu às reclamações do senador Gilberto Miranda (PMDB-AM) que não concordou com a diferença de tratamento dado a dois episódios das investigações do escândalo do Orçamento. Miranda lembrou que quando ele, Aloízio Mercadante e Élcio Álvares fizeram buscas à residência do economista José Carlos Alves dos Santos foram repreendidos por causa do vazamento de informações.

No entanto, queixou-se Miranda, esse mesmo gesto não foi adotado em relação a Bisol, que fez um estardalhaço com as evidências de um poder paralelo. Outro alvo de fortes críticas foi a audiência do deputado Aloízio Mercadante com o ministro do Exército, Zenildo Lucena — embora o parlamentar não se cansasse de justificar que o encontro foi marcado há mais de uma semana.



Mercadante: alvo de críticas

Aproveitando-se da citação do Exército, Passarinho frisou que na CPI ele não é o único marechal. “Aqui todos somos marechais”, afirmou.

Tomando as dores do seu correligionário Teotônio Vilela Filho (PSDB-AL) — que é citado nos documentos da Odebrecht — e usando da diplomacia que lhe é peculiar, o senador Mário Covas (PSDB-SP) fez críticas à diligência. Depois da divulgação de um pedetista no alvo das empreiteiras — o deputado gaúcho Valdomiro Lima —, o deputado Luiz Salomão (RJ), líder do partido na Câmara, também passou a considerar a diligência precipitada. No final da reunião, o senador Passarinho admitiu que “houve alguns torpedos”, classificados de normais, pois todos querem ouvir a sua voz.